

O turismo de base comunitária no território Kalunga: um olhar para a Comunidade Quilombola Vão do Moleque, no município de Cavalcante - GO

Ulce Edeltrudes Moreira

Da Universidade Federal de Goiás
uilceedeltrudes@discente.ufg.br

Lara Cristine Gomes Ferreira

Da Universidade Federal de Goiás
laracristineufg@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo propõe estudar o turismo de base comunitária no território Kalunga e avaliar como tem se dado o desenvolvimento turístico nas Comunidades Quilombolas localizadas no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no nordeste do estado de Goiás. Para tanto, elegeu-se como foco principal, a comunidade Vão do Moleque, localizada em Cavalcante - GO. Como objetivo geral, propôs-se verificar como a atividade turística vem desenvolvendo-se nas comunidades quilombolas, sobretudo na Comunidade Vão do Moleque. Para a metodologia, definiu-se inicialmente, a necessidade de se compreender a leitura socioterritorial Kalunga e a inclusão do turismo no local, utilizando-se das seguintes etapas metodológicas: revisão bibliográfica, por meio do levantamento de referencial teórico-metodológico sobre a temática do turismo; em seguida, foram realizados levantamentos sobre os principais atrativos turísticos nas Comunidades Quilombolas, utilizando-se de trabalhos de campo e entrevistas aos guias turísticos e aos moradores da comunidade; por fim, foram realizadas análises e mapeamentos, para posterior escrita do texto. Foi possível observar que o turismo vem se consolidando como um importante pilar no desenvolvimento das comunidades quilombolas. Em se tratando do turismo de base comunitária, acredita-se que este pode se configurar em uma boa alternativa de renda e inserção das comunidades no trabalho turístico, relacionado à condução nos atrativos e comercialização de artesanatos e oferta de hospedagens e alimentação. A comunidade Vão do Moleque, foco desta pesquisa, ainda apresenta o turismo como algo inicial, mas se percebeu muita expectativa por parte da comunidade, para se consolidarem no turismo de base comunitária, como ocorreu na comunidade vizinha: Engenho II.

Palavras-Chave: Território Kalunga, Quilombolas, Turismo Comunitário, Vão do Moleque, comunidades tradicionais.

Introdução

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros - PNCV, criado em 1961, encontra-se localizado no Nordeste do estado de Goiás, entres os municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Teresina de Goiás, Nova Roma e São João d'Aliança, distando aproximadamente 220 km da capital do país, Brasília. Protegendo, aproximadamente, uma área de 240.611 hectares (ha) de Cerrado de altitude, abriga espécies e formações vegetais únicas, várias nascentes e cursos d' água, rochas com

centenas de anos, incluindo paisagem de rara beleza, com fisionomias que se alteram ao longo dos anos (ICMBIO, 2024).

Além disso, o Parque é declarado como Patrimônio Natural Mundial da humanidade, pela Unesco, desde 2001, e integra a Reserva da Biosfera de Goyaz e o Programa de Regionalização do Turismo, sendo um dos sessenta e cinco municípios geradores do turismo no Brasil, listados pelo Ministério do Turismo. Segundo Pugas (2017), a Chapada dos Veadeiros tornou-se, nos últimos anos, um dos destinos de natureza mais procurados do estado de Goiás, sendo que o aumento do fluxo turístico tem sido motivado principalmente pela busca por descanso, visitas às cachoeiras e contato com a natureza.

O turismo é um fenômeno socioespacial complexo, para o qual existem vários tipos de classificações por diferentes critérios, diversificados de acordo com os autores que, ao longo dos últimos 30 anos, vêm pesquisando a respeito deste acontecimento turístico (BARRETO, 2014). Segundo Oliveira (2008), o turismo vem se configurando como um evento marcante no mundo contemporâneo, não apenas pelo fator econômico, mas também e principalmente, pelo aspecto socioespacial. A produção, o consumo e a organização do espaço, que sempre foram influenciados por diversas variáveis, atualmente lidam com as transformações decorrentes da atividade turística.

Para Amaral (2008), do ponto de vista dos governantes e dos investidores, os números do turismo mundial têm despertado interesse, e muito se tem dito sobre os benefícios gerados por essa atividade. Para muitos, o turismo é visto como um grande gerador de emprego, como o principal propulsor do desenvolvimento regional, sendo um grande gerador de divisas para o país.

O turismo vem crescendo de forma rápida e, muitas vezes, sem o devido planejamento, em várias localidades como objeto de visitação, como sendo algo comum às atividades novas que se estabelecem no cenário social (MEDEIROS, 2013). Atualmente, deparamos com a vivência e a busca de espaço e o reconhecimento de valores, os quais são despertados por todos os envolvidos e principalmente os profissionais atuantes das empresas ligadas à atividade.

O desenvolvimento do turismo em comunidades tradicionais está cada vez mais frequente, e isso se dá pela valorização do meio natural, como os rios, cachoeiras, montanhas presentes no meio natural, onde promove o contato do indivíduo com a natureza e a busca pela desconexão com meio urbano (MOREIRA; ALMEIDA, 2013). O meio cultural desses locais também estimula essa busca, pois remete ao turista, um olhar e o desejo sobre as atividades praticadas no campo, como a fabricação de alimentos, por

exemplo, os frutos, legumes e sementes colhidas diretamente das roças, como também as celebrações religiosas que ocorrem (ALMEIDA, 2017).

A partir do século XX, o turismo passou a ser a forma mais procurada de lazer e, na atualidade, fazer turismo tornou-se um desejo de todos os inseridos na sociedade global de consumo (BANDUCCI; BARRETTO, 2001). Corroborando com o pensamento de Medeiros (2013), essa ocorrência se deve ao fato da grandiosidade dessa atividade, a qual pode ser percebida pelo crescente número de profissionais que buscam uma formação na área ou até mesmo pelo número de investimentos destinados ao turismo.

A prática do turismo em Comunidades Quilombolas pode ser considerada como estratégia para o desenvolvimento local e também para o resgate da autoestima dos moradores, na medida em que ocorre a valorização da identidade cultural, incentivada pela presença de moradores dos centros urbanos (MOREIRA; ALMEIDA, 2013).

Muitos municípios brasileiros têm se apropriado da atividade turística, como possibilidade de novos empreendimentos, nesse caso essa atividade é vista como alternativa para as comunidades que vivem de agricultura familiar, por exemplo. Dessa forma, a atividade turística nas comunidades quilombolas, na maioria das vezes, é vista como oportunidade para o desenvolvimento, geração de empregos, além de promover a qualidade de vida da população local. Por sua vez, essa atividade pode trazer impactos negativos para as comunidades em que se insere, podendo comprometer sua sustentabilidade.

O presente artigo pretende discutir o desenvolvimento da atividade turística em comunidades quilombolas pertencentes ao município de Cavalcante, Goiás, tendo como foco a Comunidade Quilombola Vão do Moleque. O município de Cavalcante é conhecido por apresentar uma variedade de atrativos turísticos, que perpassam pela Chapada dos Veadeiros e pelas comunidades quilombolas pertencentes ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Portanto, a necessidade de buscar informações sobre o desenvolvimento desta atividade para as Comunidades Quilombolas é de grande importância.

Ferreira, Cardoso e Calazans (2019), destacam que apesar dos efeitos positivos que a atividade turística pode trazer, essa atividade também pode desencadear impactos negativos relacionados ao meio ambiente, como degradação do meio natural, bem como dos aspectos socioculturais, com relação às alterações dos costumes, podendo propiciar desconforto no patrimônio histórico e econômico.

Neste artigo, tem-se como objetivo geral verificar o desenvolvimento da

atividade turística, nas Comunidades Quilombolas no município de Cavalcante - GO, tendo como foco principal, a Comunidade Quilombola Vão do Moleque. Como objetivos específicos buscam-se: 1) Realizar uma revisão de literatura sobre o turismo de base local e turismo de base comunitária, com a finalidade de levantar referências teóricas sobre o conceito de turismo em populações tradicionais; 2) Caracterizar as Comunidades Quilombolas Kalunga (nordeste goiano) enfocando as principais características locais e culturais da comunidade Vão do Moleque; 3) Entender como tem se dado o fenômeno turístico nas Comunidades Quilombolas de Cavalcante, identificando o desenvolvimento ligado ao turismo de base comunitária, na Comunidade Quilombola Vão do Moleque.

Para tanto, para o desenvolvimento da proposta, definiu-se inicialmente abordar os procedimentos metodológicos para a melhor compreensão da leitura socioterritorial Kalunga e a inclusão do turismo no local, utilizando etapas metodológicas importantes, como: revisão bibliográfica sobre a temática estudada, por meio do levantamento de leituras e referências teórico-metodológicas, observando o conceito de turismo, turismo de base comunitária e o desenvolvimento da atividade turística no município de Cavalcante-GO; em seguida foram realizados levantamentos de dados por meio da realização de trabalho de campo e entrevistas aos guias turísticos e aos moradores da comunidade; por fim, foram realizadas análises e mapeamentos dos dados levantados, para posterior escrita do texto.

O turismo nas comunidades tradicionais - turismo de base comunitária e de base local, alguns apontamentos

Para compreender o turismo nas comunidades tradicionais, faz-se necessário abordar alguns conceitos importantes, como: o turismo de base comunitária, o turismo de base local e, mais recentemente, o afroturismo. Primeiramente, o turismo de base comunitária, bem como o de base local, diferencia-se de outras formas de organização e gestão da atividade, sobretudo, por seu caráter de inclusão, de protagonismo e de empoderamento dos próprios membros da comunidade frente à atividade turística.

Parte-se da premissa, que o turismo de base local e o turismo de base comunitária são conceitos semelhantes e, por vezes, utilizados como sinônimos, que podem também, em determinados casos, coincidirem-se. Contudo, faz-se importante apresentar suas principais diferenças conceituais. De acordo com Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2010), o turismo de base comunitária, considera como a organização da atividade cujos protagonistas são organizações comunitárias, como as associações e os grupos

organizados de determinada comunidade, cujo princípio geral é a economia solidária. Por turismo de base local, considera-se as atividades turísticas geridas e organizadas por empreendedores locais, moradores e nativos do município em questão, mas que não estejam, necessariamente, organizados em associações ou com foco na economia solidária (MALDONADO, 2010).

Desta forma, o turismo de base local é considerado uma modalidade turística que possibilita apresentar alternativas para a geração de emprego e renda para uma determinada localidade, destacando a capacidade de utilizar os recursos disponíveis e também minimizar os impactos culturais, sociais e econômicos (CHAVES, 2018).

De acordo com Ferreira, Ramos e Almeida (2012), o turismo de base comunitária deve partir da perspectiva da comunidade, pois este tipo de turismo se caracteriza pela autogestão dos empreendimentos, do uso sustentável dos recursos patrimoniais e da atividade como um todo, privilegiando as iniciativas dos membros da própria comunidade, bem como os inserindo na dinâmica do fluxo dos recursos e da oferta e demanda, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos.

O afroturismo apresenta-se como um conceito importante quando se avalia o turismo em comunidades quilombolas, pois possui um enfoque na cultura, na história e nas contribuições da disseminação africana em várias partes do mundo, destacando os destinos, atrações e experiências as quais tem relevância cultural e histórica para as comunidades afrodescendentes. Em se tratando de empoderamento econômico, o afroturismo ganha destaque, por ser uma fonte importante de emprego e renda para as comunidades afrodescendentes, em especial nas áreas onde o turismo é um setor econômico forte, podendo criar oportunidades econômicas e melhoria na qualidade de vida da população (GOIÁS TURISMO, 2024). O Afroturismo, para Batista Neto (2022),

Motiva-se a ressignificação identitária, o resgate ancestral, a reconstrução da memorialidade, a sociabilidade afetiva e a patrimonialidade, para assim caracterizar a jornada afrodiáspórica, situando as passagens e vestígios de povos negros africanos de diversas etnias e, sobretudo, a valorização do patrimônio cultural afrodescendente (BATISTA NETO, 2022, P. 37).

As Comunidades Quilombolas do nordeste goiano, ainda vivem principalmente da agricultura familiar, fundamental para fins de autossustento. O principal produto cultivado é a mandioca, para a produção de farinha, que é comercializada nas feiras locais e nas cidades vizinhas; em seguida, têm-se as plantações de arroz, milho, batata doce, quiabo, maxixe, abóbora, jiló, fumo, feijão de corda e algodão. Dentre estes produtos, além da farinha da mandioca, o fumo e o milho destacam-se na comercialização

(AVELAR; PAULA, 2003).

Desta forma, para Almeida (2017), os desafios que as comunidades quilombolas mais enfrentam ao se abrir para o turismo, está relacionado às suas características rústicas e suas tradições. Muitos pensam que há a necessidade de modernizar a obtenção de produtos e ampliar o uso de alimentos industrializados, bem como utilizar equipamentos modernos na agricultura, nas festividades e na cozinha. Contudo, para o turismo de base comunitária, faz-se imprescindível que comunidades se preocupem com a autonomia cultural, buscando um modo de desenvolvimento que seja adaptável com seus meios sociais, culturais, econômicos e ecológicos. Portanto, para este tipo de turismo, as características culturais se revelam como elementos importantíssimos, perpassando pela forma em que a comida é elaborada, pelas danças, festividades, etc..

As comunidades quilombolas localizadas no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, estão em sua maioria, distante dos centros urbanos, o que também acaba sendo um desafio para o desenvolvimento do turismo. A figura 01 mostra os municípios que compõem o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no nordeste do estado de Goiás, e a área limítrofe deste sítio.

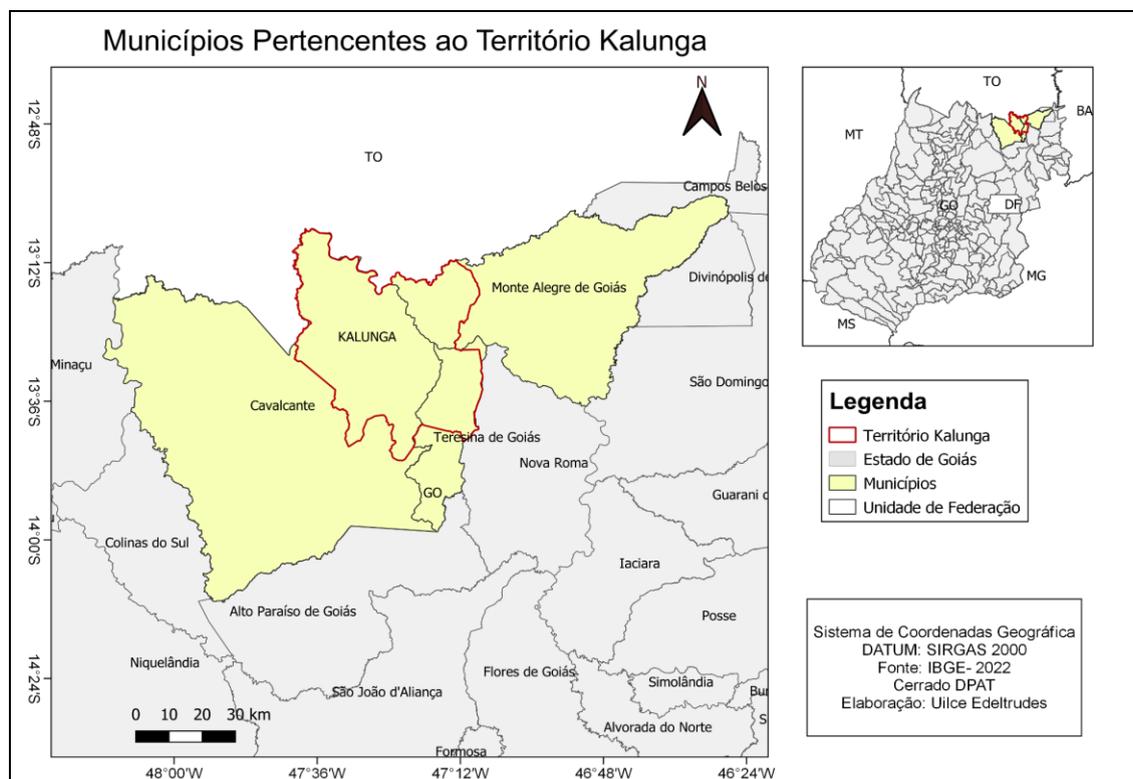


Figura 01: Municípios pertencentes ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga – GO.

O território Kalunga já apresenta uma construção histórica dentro do turismo de base comunitária, sobretudo quando se observa a comunidade Engenho II, localizada no município de Cavalcante. O Engenho II é uma das comunidades mais próximas ao perímetro urbano de Cavalcante, distando cerca de 25 km. No último Salão Nacional do Turismo, realizado em dezembro de 2023, esta comunidade recebeu um importante reconhecimento, tendo sido eleita em primeiro lugar nacional, na categoria “Turismo de Base Comunitária e Turismo Social” (REDE KALUNGA COMUNICAÇÕES, 2023).

Ainda segundo a Rede Kalunga Comunicações (2023), o turismo de base comunitária tem sido um importante fator de transformação socioeconômica no município de Cavalcante, pois tem propiciado a geração de empregos, diretos e indiretos, e renda para as famílias, por meio de pontos de hospedagens (áreas de *camping* e pousadas), bem como para os grupos artístico-culturais locais. Há também a criação de uma rede de guias e condutores turísticos do município de Cavalcante e das comunidades quilombolas adjacentes.

Nas comunidades quilombolas é possível verificar a importância da atividade de condução dos visitantes pelos pontos turísticos, além de casas disponibilizadas pelos moradores, onde servem café da manhã, almoço e jantar para os turistas. Além disso, alguns moradores das comunidades vendem seus artesanatos e alugam seus quintais para área de *camping*. Portanto, aos poucos, as comunidades se inserem na atividade turística, na busca por uma fonte de renda e melhores condições de vida, o que também acaba por propiciar maior visibilidade a sua cultura e aproximar a sociedade de sua história, tradições e identidades.

Nesse sentido, a atividade turística na comunidade Kalunga, considerado enquanto um turismo situado de base local e comunitária oferece a oportunidade de incremento econômico às comunidades que vivem da atividade rural/agricultura de autoconsumo. Por meio do fortalecimento das bases principais dessa forma de desenvolvimento turístico, ou seja, o protagonismo social e o empoderamento das ações práticas e políticas, os Kalunga oferecem exemplos positivos e, outros ainda incipientes e emergentes, de organização comunitária e local no turismo (FERREIRA, RAMOS E ALMEIDA, 2012).

Sítio histórico e patrimônio cultural Kalunga, uma breve caracterização

As Comunidades Quilombolas, segundo Velloso (2007), tiveram visibilidade no Brasil com a inserção do Artigo 68 no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

(ADCT), na Constituição Federal de 1988, a qual assegurou a titulação aos ocupantes das terras. Segundo o Instituto EcoBrasil (2024), os Quilombolas são descendentes de pessoas escravizadas que sobrevivem em obstáculos comunitários, muitas vezes em antigas fazendas, deixadas por grandes fazendeiros, apesar de existirem o fim da escravidão, no final do século XIX, sua visibilidade ainda é recente, fruto de muitas lutas pelas terras, a qual na maioria das vezes, não possuem escrituras/titulação.

De acordo com o levantamento da Fundação Cultural Palmares (2024), os quilombolas encontravam-se em regiões com grande concentração de pessoas escravizadas, afastados dos centros urbanos e em locais de difícil acesso. A figura 02 mostra a idealização de um quilombo.



Figura 02: Idealização do Quilombo
Crédito da imagem: Fundação Cultural Palmares, 2024.

Esse isolamento fazia parte de uma estratégia a qual garantiria a sobrevivência desses grupos com tradições e relações territoriais próprias, formando em suas particularidades, uma identidade étnica e cultural, as quais devem ser respeitadas e preservadas. Segundo Khidir (2018), os quilombos não eram um lugar de “escravos fujões”, foram e ainda são lugar de resistência e luta contra a escravidão e as atrocidades cometidas em decorrência dela.

O território denominado Kalunga, teve reconhecimento como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga no ano 1991, pela Lei Complementar do Estado de Goiás,

número 11.409-91 (LIMA; ALMEIDA, 2012). As comunidades quilombolas Kalunga, oficializadas por esta Lei, estão localizadas nos municípios goianos de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás e ocupam uma área de 253,2 mil hectares. A figura 03 mostra o mapa de localização do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no nordeste do estado de Goiás.

O território Kalunga está localizado em região de inúmeras e ricas belezas naturais, ocupado há 300 anos por homens e mulheres escravizados, os quais não aceitaram viver naquelas situações e fugiram do estado de Minas Gerais, Bahia e Goiás e se esconderam nas serras localizadas nas proximidades onde hoje é a área limítrofe dos estados de Goiás e Tocantins (REGISTRO ICCA, 2024).

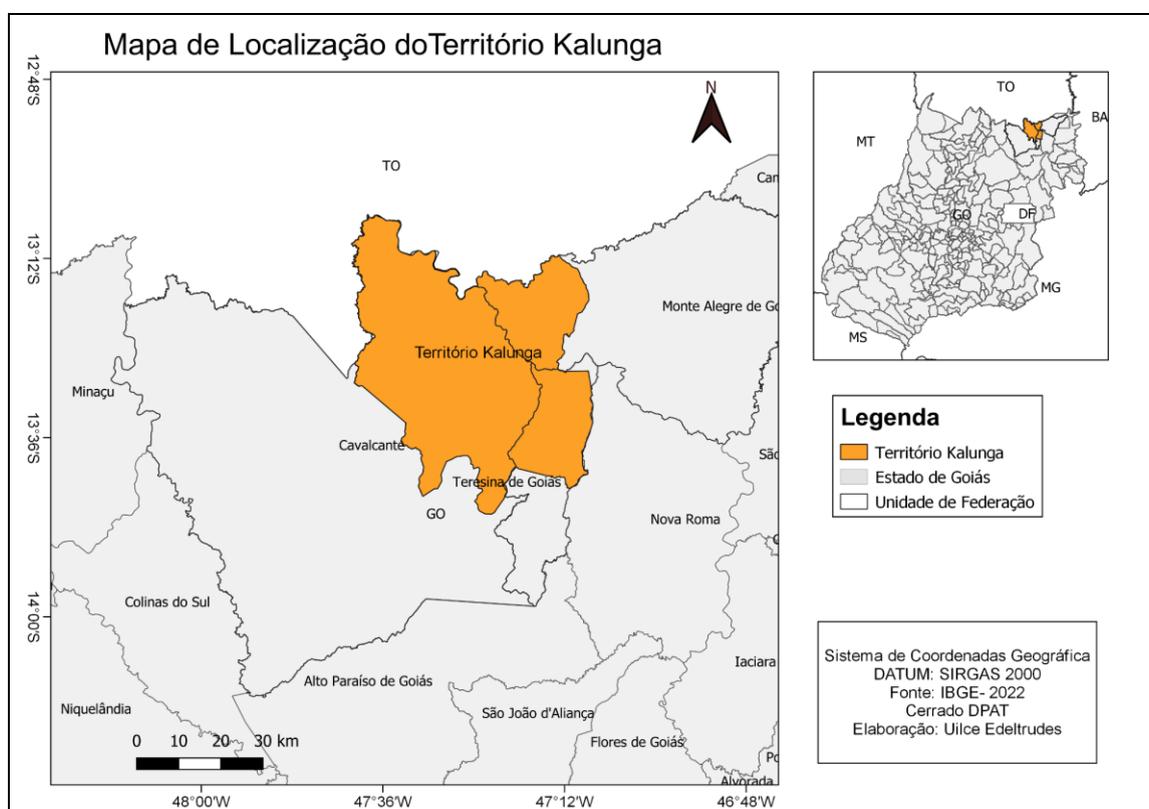


Figura 03: Mapa de localização do território Kalunga no nordeste de Goiás

Destaca-se que a área demarcada como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, pela Lei Complementar do Estado de Goiás, nº 11.409-91, está circunscrita aos três municípios goianos citados, mas faz-se importante mencionar que o território Kalunga perpassa o estado do Tocantins. Segundo Khidir (2018),

Durante o processo de reconhecimento dos Kalunga pela Fundação Cultural Palmares, a fração do território que perpassa o estado do Tocantins (onde hoje é o Kalunga do Mimoso), ficou fora desse primeiro procedimento de identificação e regularização territorial por vários motivos, um deles está

circunscrito a alguns indivíduos desse grupo já terem noção de posse legal ou privada das terras e, mesmo não possuindo documento oficial para comprovar as posses, a designação de quilombola significaria abdicar do título individual da terra. (...) As divisões políticas (Goiás e Tocantins) não se aplicaram a essa comunidade. Eles vivem

nesse lugar geográfico desde o Brasil Colonial. Contudo, o processo de reconhecimento do povo Kalunga foi tratado em separado, como se fossem comunidades distintas. Assim, a certificação pela Fundação Cultural Palmares foi realizada primeiro com as famílias que vivem nos limites do Estado de Goiás e, por consequência, a demarcação do seu território. Em um segundo momento, o processo de reconhecimento e demarcação territorial foi realizado com os habitantes da parte tocantinense (p. 58-59).

Portanto, as comunidades Kalunga do estado de Goiás e os Kalunga do Mimoso (TO), pertencem a um mesmo grupo familiar e foram separados com a criação do estado do Tocantins, em 1988.

As Comunidades Quilombolas Kalunga localizadas em Goiás são: Riachão, Tinguizal, Contendas, Saco Grande, Boa Sorte, Barra, Faina, São Pedro, Carolina e Curral de Taboca (Monte Alegre de Goiás); Diadema, Ribeirão e Ema (Teresina de Goiás); Vão do Moleque, Vão das Almas, Comunidade Prata e Engenho II (Cavalcante). O quadro 01 mostra os nomes das comunidades quilombolas e os municípios a que pertencem.

Quadro 01: Comunidades Quilombolas e os municípios a que pertencem

Localização/município	Comunidades Pertencentes
Cavalcante	Vão do Moleque, Vão das Almas, Comunidade Prata e Engenho II
Teresina de Goiás	Diadema, Ribeirão e Ema
Monte Alegre de Goiás	Riachão, Tinguizal, Contendas, Saco Grande, Boa Sorte, Barra, Faina, São Pedro, Carolina e Curral de Taboca

Fonte: Lima; Almeida, 2012; Trabalho de campo, 2024. Org. As autoras (2024).

O turismo por parte das comunidades de Teresina e Monte Alegre de Goiás está mais voltado para o turismo cultural, para os festejos e folias; já nas comunidades do município de Cavalcante se concentram os atrativos turísticos mais consolidados, como na comunidade Engenho II, já mencionada, que apresenta atrativos turísticos ligados à natureza, cachoeiras, trilhas, serras, mirantes, além da cultura local, com suas festividades, danças e tradições.

Principais atrativos turísticos e festividades na comunidade quilombola Kalunga vão do moleque

O município de Cavalcante é o berço dos povos da Chapada dos veadeiros, até os dias atuais guarda a simplicidade e a riqueza das comunidades da região, abrigando boa

parte da área do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros; lugar este com grande número de cachoeiras, rios e serras para atividades ao ar livre, além das seguintes festividades: subida ao Morro da Cruz (Semana Santa), Caçada da Rainha; folias, festival de música e arte popular, festa de Nossa Senhora Santana e aniversário da cidade (GOIÁS TURISMO, 2023).

A comunidade Quilombola Vão do Moleque, foco deste artigo (figura 4), apresenta uma rica cultura e as tradições que são mantidas por grande parte da comunidade. É por meio da cultura, dos costumes e tradições que a comunidade permanece recebendo um número cada vez maior de visitantes durante as festas tradicionais, tendo como principal atrativo a romaria de São Gonçalo e Nossa Senhora do Livramento, que acontece todos os anos, no mês de setembro. Estas festividades além de atrair visitantes, também promovem encontros entre familiares, amigos, vizinhos, além da comercialização de objetos produzidos na comunidade; dentro destas festas, podem-se destacar: o Império, o Mastro, a Sussa e o Forró.



Figura 4: Localização da Comunidade Quilombola Vão do Moleque

O patrimônio cultural, material e imaterial, das populações tradicionais, possui um papel muito importante na atração de turistas. Diante disso, podem-se citar as festividades e as danças como um elemento marcante na cultura da Comunidade

Kalunga Vão do Moleque. As figuras 5, 6 e 7 mostram o festejo, o Império e dança Sussa. A Sussa e o Império são os principais acontecimentos que ocorrem na festa.



Figura 5: Festejo de São Gonçalo e Nossa Senhora do Livramento
Crédito da imagem: Rede Kalunga Comunicações, 2023.



Figura 6: Império de São Gonçalo - Comunidade Vão do Moleque
Crédito da imagem: Rede Kalunga de Comunicações, 2023.



Figura 7: Dança Sussa
Crédito da imagem: Rede Kalunga de Comunicações, 2024.

O império é o momento mais aguardado da festa, onde o organizador da festividade recebe o nome de “Rei”, veste-se com as roupas que já são da tradição e utiliza uma coroa na cabeça. O “Rei” fica reunido na Igreja por algumas horas, após isso,

inicia-se um cortejo, onde o Rei e seus familiares ficam dentro de um quadro cercado com quatro varas coloridas, com quatro pessoas segurando uma em cada ponta, percorrem o trajeto da igreja até o ponto onde serão recepcionados com foguetes, comidas, bebidas, etc.. Neste momento, também é aguardado o decisivo sorteio, para a nomeação do responsável da festa do próximo ano, momento esse de muito suspense (JESUS, SENA e SILVA, 2018).

A Sussa é uma dança que acontece no decorrer da festa, nos dias 14, 15 e 16 do mês de setembro, logo após o levantamento do mastro. A Sussa tem uma coreografia em movimentos circulares e pode ser dançada a dois ou sozinha, é um jogo de beleza e ritmo. Os instrumentos utilizados são produtos artesanais feitos na comunidade, como os tambores que são feitos de cerâmica e couro, também chamados de “tamborim” e a cuíca é feita de madeira e couro, também conhecida como “roncador” (ENCONTROTECA, 2024).

A comunidade do Vão do Moleque ainda é considerada de difícil acesso, distando aproximadamente 72 quilômetros da cidade de Cavalcante (estrada de terra, com topografia bastante acidentada), isso se for utilizada a estrada mais curta, que dá acesso à comunidade Engenho II. Há também outra estrada que dista 140 quilômetros até a cidade de Cavalcante. O meio de transporte mais utilizado pelos moradores para chegar até a cidade é um caminhão aberto, sem qualquer segurança, e na maioria das vezes, cobra-se o mesmo valor da passagem de ônibus, cerca de R\$70,00 por pessoa. Segundo o presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC), nesta comunidade, há aproximadamente 610 famílias, onde apenas cerca de 400 famílias possuem acesso à energia elétrica. Nesta comunidade, também não há coleta de lixo, não há rede de esgoto e em casos de doenças, faz-se necessário seguir para o ponto de atendimento de saúde na cidade de Cavalcante (estas características acabam dificultando também o desenvolvimento turístico na comunidade Vão do Moleque).

No centro da cidade de Cavalcante há um Centro de Atendimento ao Turista - CAT, (figura 8), que disponibiliza uma lista com todos os guias e condutores turísticos ativos. A lista de guiagem segue uma ordem dos condutores, na medida em que vão chegando os turistas, o atendente do CAT vai passando o grupo para o guia sequencial. Assim, todos os guias que vão sendo chamados, descem automaticamente para o final da lista, dando oportunidade para os demais guias, assim sucessivamente. Este atendimento ocorre somente pela manhã.



Figura 8: Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da cidade de Cavalcante, GO
Crédito da imagem: autoras 2024.

Na comunidade Engenho II, também há um centro de atendimento ao turista, que funciona da mesma forma que o CAT de Cavalcante, por meio de uma lista. O horário de funcionamento varia geralmente das 07h às 15h, pois a Comunidade Engenho II fica mais próxima às cachoeiras e trilhas mais visitadas, sendo o tempo de deslocamento mais curto (figura 9).



Figura 9: Centro de Atendimento ao Turista (CAT) da Comunidade Kalunga Engenho II
Crédito da imagem: Roteiro Pronto, 2024.

Segundo entrevista realizada com o presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC), o senhor A. P¹., há no município de Cavalcante, aproximadamente 500 guias Quilombolas ativos, incluindo todo território Kalunga. Na Comunidade Vão do Moleque, segundo informação fornecida por guias locais, há 3 famílias que servem café da manhã, almoço, jantar e hospedagem, em suas casas, para os turistas.

A figura 10 mostra a cachoeira Santa Bárbara, localizada na comunidade Engenho II, que recebe o apelido de “a queridinha da Chapada dos Veadeiros”, por atrair vários visitantes, do Brasil e do mundo, por sua beleza cênica. Esta cachoeira possui um poço de água cristalina, de cor azul turquesa, com uma cachoeira belíssima, com 28 metros de queda d’água (ROTEIRO PRONTO, 2024). Ao chegar à Comunidade Engenho II, há um traslado, mais conhecido como pau-de-arara, no valor de R\$ 20,00² por pessoa (ida e volta). Este transporte percorre aproximadamente 4,5 quilômetros no veículo, em seguida inicia-se a trilha a pé, por cerca de 2 quilômetros até a cachoeira.



Figura 10: Cachoeira Santa Bárbara
Crédito da imagem: autoras, 2024.

¹ Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2024.

² Valor com referência para o ano de 2023.

A cachoeira Santa Bárbara é, sem dúvidas, a que recebe maior quantitativo de turistas na Comunidade. Em entrevista aos guias turísticos e moradores, fica evidente que o início do desenvolvimento turístico na comunidade Engenho II, teve relação direta com esta cachoeira. Em síntese, os atrativos turísticos mais procurados no território Kalunga são as cachoeiras: Santa Bárbara, Capivara, Candaru e o complexo do Prata; as três primeiras encontram-se exatamente na comunidade citada.

A cachoeira Guardiã (figura 11), localizada na Comunidade Vão do Moleque, está se consolidando, aos poucos, como um atrativo turístico procurado pelos visitantes. O mais desafiador, relacionado a este atrativo, corresponde ao acesso à cachoeira, pois dependendo da época do ano só é possível fazê-lo com o uso de carro 4x4.

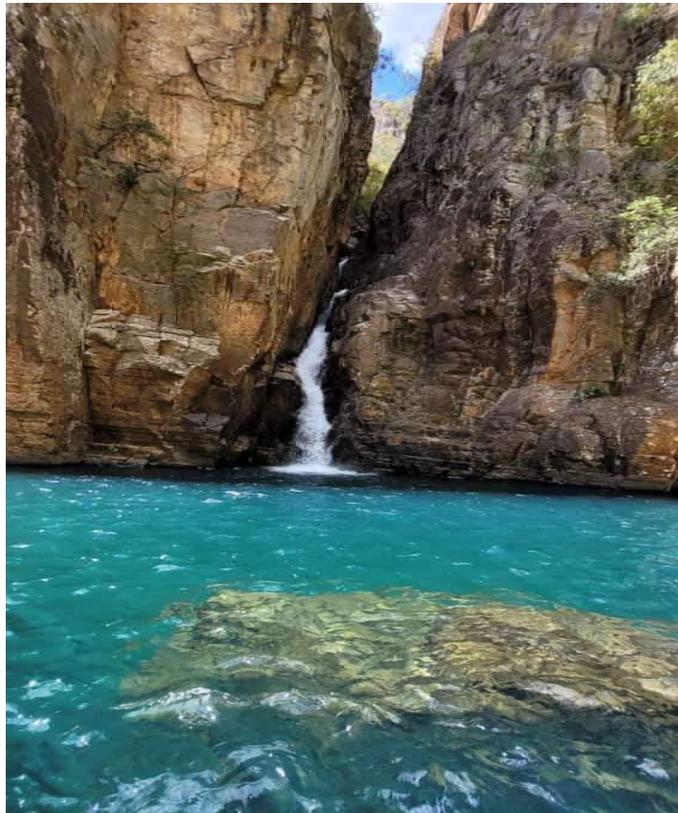


Figura 11: Cachoeira Guardiã - Comunidade Vão do Moleque
Crédito da imagem: Joeldemir Souza, 2023.

O percurso apresenta estradas com várias curvas, muitas vezes sem sinalização; após isso é necessário deixar o carro e continuar o trajeto caminhando totalmente dentro d'água, por aproximadamente 1,5 quilômetros até a cachoeira. A visitaçãõ neste atrativo corresponde ao período de maio a outubro, pois no período chuvoso, a visitaçãõ é

suspensa. Segundo a entrevista realizada ao guia turístico, o senhor J. M. S.³, a entrada ao atrativo somente é possível acompanhada por um guia quilombola credenciado, assim, para visitar as cachoeiras localizadas na comunidade Vão do Moleque é obrigatório contratar um guia Kalunga, que fica à disposição nos CAT's citados.

Na comunidade Vão do Moleque, ainda podemos citar: as cachoeiras do Corrente e do Curriola, que são conhecidas e frequentadas pelos moradores, mas ainda não foram abertas para visitação de turistas. Acredita-se que futuramente estas cachoeiras poderão se configurar em atrativos turísticos bastante visitados. A figura 12 mostra as cachoeiras do Corrente e Curriola.

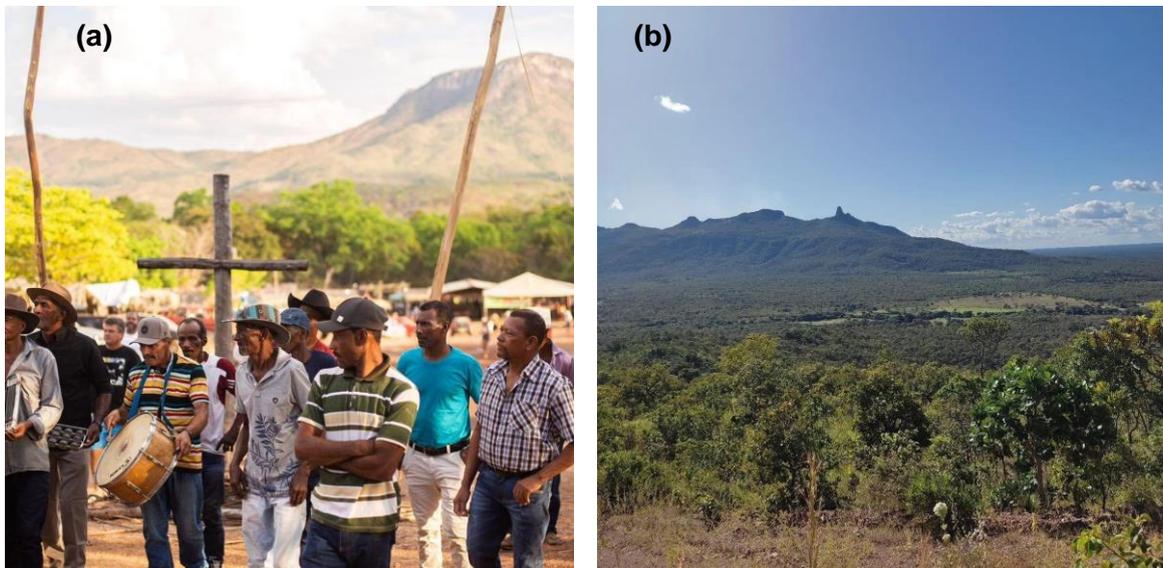


Figura 12: Cachoeiras do Corrente (a) e Curriola (b) - Comunidade V o do Moleque
Crédito da imagem: Wilton Viana, 2023.

Além das cachoeiras citadas, destacam-se mais dois atrativos turísticos na Comunidade V o do Moleque, que tem dado muita visibilidade à comunidade: o Morro do Moleque, também conhecido como Dedo do Moleque, e o tradicional festejo de São Gonçalo e Nossa Senhora do Livramento (figura 13). O Morro do Moleque é um atrativo com um custo inferior às cachoeiras e está mais voltado à realizao de trilhas e subida   serra. O Morro do Moleque mede aproximadamente 120 metros até o topo, contendo cavernas no seu interior. O festejo do V o do Moleque, a cada ano, tem reunido um maior número de pessoas, a grandeza desse acontecimento, que ocorre entre

³ Entrevista concedida em 13 de janeiro de 2024.

os dias 12 a 17 de setembro, reúne pessoas da região, das cidades vizinhas e até mesmo pessoas de outros municípios. Esta festividade é um momento ímpar onde a comunidade expõe e vivencia sua cultura, crença, religião, conhecimento e toda a ancestralidade quilombola deixada pelos antepassados.



Figuras 13: Festejo da Comunidade Vão do Moleque (a) e o Morro do Moleque (b)
Fonte: Kalunga Comunicações, 2023.

Conforme destaca Lima e Almeida (2012), o potencial turístico na região pode se revelar como um recurso potencializador da cidadania, pois com a visibilidade deste ramo na região, as famílias poderão se beneficiar da geração de emprego e renda por meio dos serviços prestados para os visitantes e também da comercialização dos seus produtos. Além disso, não deixa de ser uma forma de consolidação da identidade cultural das comunidades, visto que a comunicação com o outro pode promover o reconhecimento e a valorização da cultura. Portanto, diante do que foi apresentado no decorrer do artigo, ficou evidente o papel que o turismo de base comunitária, atrelado ao afroturismo, pode ter para o desenvolvimento das comunidades tradicionais, como os quilombolas Kalunga, sobretudo para a geração de empregos, fonte de renda, autonomia e valorização da cultura quilombola.

Considerações finais

O presente artigo permitiu constatar a importância histórico-cultural das comunidades quilombolas, as quais apresentam uma rica cultura e vivenciam de uma organização social formada a partir dos esforços de uma coletividade extremamente

injustiçada e sofrida no Brasil, mas que com a força e organização de seus antepassadas, ainda permanecem e (re)existem nestes territórios tão ricos de saberes, conhecimentos, inovações e práticas.

Desta forma, foi possível dialogar com importantes conceitos e definições, como: Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, comunidades tradicionais quilombolas, turismo de base local, turismo de base comunitária e afroturismo, que quando trabalhados efetivamente em coletividade e autogestão, são fundamentais para dar visibilidade aos seus saberes, costumes, crenças e tradições, além de gerar autonomia de renda e contribuir com a preservação socioambiental do território, fato tão importante nas comunidades quilombolas Kalunga, por estarem dentro da área da Chapada dos Veadeiros.

O desenvolvimento da atividade turística surge na vida das comunidades quilombolas Kalunga como uma oportunidade de renda, tendo como centralidade o turismo de base comunitária, que tem grande importância na implantação do turismo, a exemplo da comunidade Engenho II, onde o turismo de base comunitária apresenta-se consolidado. Em se tratando do turismo de base comunitária, acredita-se que este pode se configurar em uma boa alternativa de renda e inserção da comunidade no trabalho turístico. Cabe destacar que o turismo nas comunidades Kalunga, tem beneficiado não somente as comunidades quilombolas, mas também a população urbana do município de Cavalcante, exemplo disso são as épocas de feriados, em que muitos turistas vêm conhecer os atrativos nas comunidades Kalunga, mas acabam consumindo nos mercados da cidade, bem como aumenta significativamente, a demanda nas pousadas e hotéis.

Acredita-se também, que o turismo, pode ser um aliado na preservação do meio ambiente, pois com a inserção da atividade turística nas comunidades, desperta-se um maior interesse, por parte dos moradores, na preservação ambiental e conservação dos atrativos naturais, já que os turistas acabam por buscar um contato maior com a natureza. Portanto, aliar o turismo, às populações tradicionais, pode ser um ganho mútuo na preservação ambiental e autonomia das comunidades, pois os quilombolas tradicionalmente, já são considerados guardiões da natureza, desde seus antepassados.

A comunidade Vão do Moleque, foco desta pesquisa, ainda possui a atividade turística como algo recente, pode-se dizer que falta muito para as famílias se beneficiarem desta atividade, a carência de muitos meios, acabam por deixar essa comunidade distante de um desenvolvimento econômico e social concreto. Diante da pesquisa realizada, acredita-se que com o potencial do turismo na região, juntamente ao exemplo exitoso do turismo de base comunitária na comunidade Engenho II, há uma

possibilidade real do desenvolvimento turístico, de base comunitária, nesta comunidade Kalunga.

O turismo de base comunitária, quando bem estruturado e desenvolvido coletivamente, pode ser um caminho para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades tradicionais. A comunidade Vão do Moleque, ainda apresenta desafios e possui a atividade turística iniciante, contudo, observou-se, por meio da pesquisa, com os trabalhos de campo e entrevistas, que há motivação por parte da comunidade em geral e dos guias turísticos locais para a ampliação desta atividade. Por fim, reitera-se a importância que o turismo de base comunitária, nas comunidades quilombolas Kalunga, seja efetivamente por meio do envolvimento de todo o grupo comunitário, baseado em uma organização democrática e participativa, para que toda a população envolvida seja beneficiada, com menos impactos possível, primando pela sustentabilidade ambiental e a preservação da cultura, ancestralidade e, principalmente, que haja igualdade social e racial para estes povos.

Turismo comunitario en el territorio Kalunga: una mirada a la Comunidad Quilombola Vão do Moleque, en el municipio de Cavalcante - GO

Resumen: Este artículo se propone estudiar el turismo comunitario en el territorio Kalunga y evaluar cómo se ha producido el desarrollo turístico en las Comunidades Quilombolas ubicadas en el Sitio Histórico y Patrimonio Cultural Kalunga, en el noreste del estado de Goiás. Fue elegido, como foco principal, la comunidad Vão do Moleque, ubicada en Cavalcante - GO. Como objetivo general, se propuso verificar cómo se viene desarrollando la actividad turística en las comunidades quilombolas, especialmente en la Comunidad de Vão do Moleque. Para la metodología, se definió inicialmente, la necesidad de comprender la lectura socioterritorial Kalunga y la inclusión del turismo en el lugar, utilizando los siguientes pasos metodológicos: revisión bibliográfica, a través del levantamiento de referentes teórico-metodológicos sobre el tema del turismo; luego, se realizaron encuestas sobre los principales atractivos turísticos de las Comunidades Quilombolas, mediante trabajo de campo y entrevistas a guías turísticos y residentes de las comunidades; finalmente se realizaron análisis y mapeos para la posterior redacción del texto. Se pudo observar que el turismo se viene consolidando como un pilar importante en el desarrollo de las comunidades quilombolas. Cuando se trata del turismo comunitario, se cree que éste puede ser una buena alternativa para el ingreso y la inserción de las comunidades en la labor turística, guiando los turistas a los atractivos turísticos y la venta de artesanías y la oferta de alojamiento y alimentación. La comunidad Vão do Moleque, foco de esta investigación, todavía presenta el turismo como algo inicial, pero había mucha expectativa por parte de la comunidad, de consolidarse en el turismo comunitario, como ocurrió en la comunidad vecina: Engenho II.

Palabras clave: Territorio Kalunga, Quilombolas, Turismo Comunitario, Vão do Moleque, comunidades tradicionales.

Community-based tourism in the Kalunga territory: a look at the Quilombola Community Vão do Moleque, in the municipality of Cavalcante - GO

ABSTRACT: This article proposes to study community-based tourism in the Kalunga territory and evaluate how tourism has been developing in the Quilombola's Communities located in the Kalunga Historical Site and Cultural Heritage, in the northeast of Goiás. For this purpose, it was chosen as the main focus, a community in Vão do Moleque, located in Cavalcante - GO. As a general objective, it was proposed to verify how tourist activity has been developing in Quilombola's Communities, especially in

the Vão do Moleque Community. For the methodology, it is based on the need to understand the Kalunga socio-territorial reading and the inclusion of tourism in the place, using the following methodological steps: bibliographic review, through the survey of theoretical-methodological references on the theme of tourism; Then, surveys were carried out on the main tourist attractions in Quilombola's Communities, using fieldwork and interviews with tour guides and community residents. Finally, analyzes and maps were carried out for later writing of the text. It is possible to observe tourism consolidating the importance of the community without reducing the number of communities. Community-based tourism can be a good alternative for generating income and inserting traditional communities into tourist work, related to guiding activities at attractions and selling handicrafts and offering accommodation and food. The Vão do Moleque community, the focus of this research, presents tourism in an incipient form, but there was a lot of expectation on the part of the community to consolidate themselves in community-based tourism, as occurred in the neighboring community: Engenho II.

Keywords: Kalunga Territory, Quilombola, Community Tourism, Vão do Moleque, traditional communities.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda. Território quilombola, etnodesenvolvimento e turismo no nordeste de Goiás. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 40, p. 130-144, 2017.

AMARAL JÚNIOR, José Bento Carlos. **O turismo na periferia do capitalismo: a revelação de um cartão postal**. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PUC, São Paulo, p. 650, 2008.

BANDUCCI, Álvaro; BARRETTO, Margarita. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. 5. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2006. 60 p.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Papyrus, 2014.

BATISTA NETO, Amadeu Correia. A potencialidade do Afroturismo no Ceará: Terreiros de Candomblé de Fortaleza como atrativos turísticos. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em Turismo) – Instituto Federal de Educação (IFCE), Fortaleza – CE, p. 97, 2022.

CHAVES, Valéria da Conceição. Turismo de Base Local: Uma Proposta Metodológica. Disponível em: <https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais>. Acesso em 10 de Janeiro de 2024.

ECOBRAZIL. Comunidades ou Populações Tradicionais. Disponível em: <http://www.ecobrasil.eco.br/noticias-rodape>. Acesso em 10 de Janeiro de 2024.

ENCONTROTECA. Cultura Tradicional, Suça de Natividade. Disponível em: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/suca-de-natividade>. Acesso em 18 de Janeiro de 2024.

FERREIRA, Débora Lúcia Gonçalves; CORDEIRO, Juni; CALAZANS, Giovanna Moura. O turismo de base comunitária como perspectiva para a preservação da biodiversidade e aspectos culturais da Serra dos Alves, Itabira (MG). **Research, Society and Development**, v. 8, n. 1, p. e381507, 2019.

FERREIRA, Lara Cristine Gomes; RAMOS, Laura Marina Jaime; ALMEIDA, Maria

Geralda de. Experiências do turismo rural comunitário em comunidades quilombolas kalunga no nordeste goiano. In: SEABRA, Giovanni (Org.) **Comunidades, Natureza e Cultura no Turismo**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Informações para Comunidades Remanescentes de Quilombo. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br>. Acesso em 10 de Janeiro de 2024.

GOIÁS TURISMO. O Turismo em Goiás cresce três vezes mais que a média nacional e tem maior alta em Abril. Disponível em: <https://goias.gov.br/turismo/turismo>. Publicado em 21 de Junho de 2022. Acesso em 10 de Janeiro de 2024.

GOIÁS TURISMO. Goiás Lindo Demais. Disponível em: <https://goias.gov.br/turismo/revista-51-destinos-turisticos>. Acesso em 27 de Dezembro de 2023.

ICMBio. Parque Nacional Chapada dos Veadeiros. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnachapadadosveadeiros>. Acesso em 10 de Janeiro de 2024.

JESUS, Antonivaldo; SENA, Regilene Batista; SILVA, Eudimar de Melo. Romaria do Vão do Moleque Como Tradição Identitária na Comunidade Kalunga em Cavalcante-GO. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revista>. Acesso em 17 de Janeiro de 2024.

KHIDIR, Kaled Sulaiman. **Práticas Socioculturais Quilombolas para o Ensino de Matemática: mobilizações de saberes entre Comunidade e Escola**. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA), Belém – PA, p. 194, 2018.

LIMA, Luana Nunes Martins de; ALMEIDA, Maria Geralda de. A identidade territorial Kalunga e perspectivas para o desenvolvimento do turismo nas comunidades Diadema e Ribeirão. **Revista Territorial (ISSN 2317-0360)**, v. 1, n. 1, p. 88-111, 2012.

MEDEIROS, Lindenbergh Câmara. Turismo e sustentabilidade ambiental: referências para o desenvolvimento de um turismo sustentável. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 3, n. 2, p. 197-234, 2013.

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues; ALMEIDA, Maria Geralda de. O lugar Kalunga como lugar turístico: um olhar sobre o turismo rural no Engenho II em Cavalcante (GO). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 6, n. 3, 2013.

OLIVEIRA, Flávia Moura. Espaço, lugar, identidade e urbanização: conceitos geográficos na abordagem do Turismo. 2006.

PUGAS, Lays da Silva. "Diagnóstico do planejamento turístico na Chapada dos Veadeiros – com ênfase em Alto Paraíso de Goiás." (2017).

REDE KALUNGA COMUNICAÇÕES (@kalungacomunicações) Turismo de Base Comunitário no Quilombo Kalunga Conquista o 1º lugar no Prêmio Nacional do Turismo. Instagram, 16 de Dezembro de 2023.

REGISTRO ICCA. Sítio Histórico Patrimônio Cultural Palmares, Brasil. Disponível em: <https://www.iccaregistry.org/en/explore/Brazil/sitio-historico>. Acesso em 10 de Janeiro de 2024.

ROTEIRO PRONTO. Tudo Sobre a Cachoeira Santa Bárbara. Disponível em: <https://roteiropronto.com/cachoeira-santa-barbara>. Acesso em 17 de janeiro de 2024.

VELLOSO, Alessandra D.'Aqui. **Mapeando narrativas**: uma análise do processo histórico-espacial da Comunidade do Engenho II-Kalunga. 2007.

Sobre os autores

Uilce Edeltrudes Moreira - Bacharel em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Goiás (IESA - UFG).

Lara Cristine Gomes Ferreira - Graduada, mestre e doutora em Geografia. Geógrafa da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para avaliação em fevereiro de 2024

Aceito para publicação em junho de 2024